

«Queijadas» de Marvila são muito indegestas

Campo dos Sacrificios, na Musgueira (Lisboa).

Assistência: cerca de um milhar de espectadores.

Tempo: tarde muito quente. Recinto: pelado.

Árbitro: José Rufino, auxiliado por José Teixeira e Gilberto Bento, do Concelho de Arbitragem da AF do Algarve.

ORIENTAL — Cabral; Casimiro, Lourenço (cap.), Miguel e Vasco; Zé Tó, Sérgio, Gonzaga e Chalan; Vasco Maia (Nito, aos 65 m) e Ricardo (Vitor Baptista, aos 82 m).

Suplentes não utilizados: Taborda (g.-r.), Toni e Arnaldo.

Treinadores: Francisco Barão e Porfírio Pinto.

SINTRENSE — Eurico; Guilherme, Moleiro (cap.), Luz e Armando; Jordão, Dauto, Pinto (Pires, aos 60 m) e Carlitos; Pestana e Artur Jorge (Luís Paulo, aos 21 m).

Suplentes não utilizados: Forte (g.-r.), Sérgio e Oliveira.

Treinador: José João.

Ao intervalo: 2-0.

Marcadores: Zé Tó (8 e 13 m), Chalana (grande penalidade, aos 83 m) e Vítor Baptista (87 e 90 m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Guilherme (82 m).

A equipa da zona oriental da Grande Lisboa, realizando um a exibição bastante agradável, com base num excelente jogo colectivo, que proporcionou um balanceamento ofensivo que chegou a criar grandes dificuldades ao quarteto defensivo do conjunto da vila de Sintra, que, actuando com falhas no sistem de marcação individual, sofreu dois golos nos primeiros treze minutos e cedeu naquele período de tempo cinco cantos, factos que foram importantes para abrir o sinal verde na caminhada para um triunfo que acabou numa goleada, perfeitamente certa.

Os orientalistas tiveram oportunidades para aumentarem a sua cotação em matéria de golos, mesmo tendo em conside-

ração que os sintrenses (com um comportamento irregular no processo técnico e tático) dentro das suas fracas (neste jogo) limitações ainda tentaram equilibrar o jogo e, numa meia de vezes, procuraram reduzir a desvantagem, o que não foi possível por motivo de não existir uma melhor ligação defesa/ataque e discernimento na finalização. Foi uma equipa que jogou na maioria do tempo um pouco à deriva, tendo faltado a devida coordenação de jogo, dando a indicação que se limitou a jogar aquilo que o seu opositor deixou. Pareceu-nos uma equipa que desenvolve a sua actividade com a «cabeça quente», não lhe permitindo fazer uma execução de melhor qualidde de acordo com o escalão etário que está inserido.

Quanto aos orientalistas, jogaram a toda a largura do terreno, em que a sua superioridade e o seu êxito não merece qualquer contestação.

Arbitragem: excelente trabalho.

Francisco Barão (técnico do Oriental):

— Aproveitámos duas oportunidades no período inicial do jogo, que nos garantiu uma produção positiva, em que poderíamos ter alcançado mais alguns golos, num encontro em que fomos os mais activos e com melhor e maior pendor ofensivo.

José João (treinador do Sintrense):

— Cedemos dois golos ainda muito cedo, o que veio a afectar o rendimento da equipa. Tentámos depois dar a volta ao jogo, podíamos ter reduzido a desvantagem, o que não veio a acontecer por culpa própria. Com o terceiro golo do Oriental as nossas aspirações ficaram mais limitadas.

ANTÓNIO MARTINS

(Record, 7 de out. 90)